

DOSSIÊ LITERATURA EM PERSPECTIVA MATERIALISTA E FORMATIVA EM TEMPOS SOMBRIOS APRESENTAÇÃO

[DOSSIER: LITERATURE IN A MATERIALISTIC AND FORMATIVE PERSPECTIVE IN DARK TIMES
PRESENTATION]

Danielle Corpasⁱ

ORCID 0000-0002-7890-6828

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Fernando Cerisara Gilⁱⁱ

ORCID 0000-0002-4062-194X

Universidade Federal do Paraná – Curitiba, PR, Brasil

Ao definir para este número de *Terceira margem* o tema *Literatura materialista e formativa em tempos sombrios*, em dezembro de 2019, os organizadores tinham em mente o andamento regressivo da vida política no Brasil, na sequência do golpe de 2016 e das eleições de 2018. A imagem dos “tempos sombrios” no título não se referia, portanto, à pandemia de COVID-19 e ao modo como a crise de saúde pública vem sendo tratada (?) pelo governo brasileiro, mas a expressão acabou por mostrar-se, infelizmente, ainda mais acertada do que se supunha a princípio.

A proposta do dossiê consiste em repensar, rediscutir, reelaborar, atualizar, vitalizar, à luz das urgências e necessidades do presente, um campo de força crítica que se situa no marco da tradição materialista e formativa, assim como um campo de problemas variados e complexos que compreende as relações entre literatura, cultura, sociedade e história como um todo incontornável. Trata-se de uma derivação da chamada para os trabalhos do GT Literatura e Sociedade no XXXV Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em dezembro de 2020.

O Grupo de Trabalho, criado em 2015, é atualmente a instância de agregação de professores e pesquisadores que, há 22 anos, mantêm interlocução no âmbito do Grupo de Pesquisa Formação do Brasil Moderno: Literatura, Cultura e Sociedade. Tudo começou no ano 1999, em evento de homenagem aos 40 anos de *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, organizado por alguns docentes da UFRJ e alguns, à

época, alunos de pós-graduação da instituição – hoje, professores e pesquisadores vinculados ao grupo. A partir dali, professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação de diferentes instituições de ensino superior do Brasil começaram a se reunir, de modo sistemático, tendo como centro de interesse o pensamento formativo, materialista e de esquerda de Antonio Candido e Roberto Schwarz. Sem se desconsiderar, como não poderia deixar de ser, a longa tradição marxista nas suas várias linhagens de pensamento crítico. Uma amostra dos trabalhos do grupo e parte de seu histórico encontram-se em números anteriores da própria *Terceira Margem* (nº 12, jan.-jun. 2005, <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/view/715>>; nº 16, jan.-jun. 2007, <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/issue/view/719>>).

Na sua prática, o Grupo Formação, e hoje também o GT Literatura e Sociedade, se caracteriza ainda pela desierarquização das relações entre professores e alunos, procurando trazer estes para o debate ativo e efetivo. O circuito do conhecimento, longe de se processar por iluminados, requer diálogo mais amplo e variado, atitude essa que alguns dos artigos demonstram, ao serem elaborados conjuntamente com alunos de diferentes níveis de formação.

A atitude crítica e institucional do Grupo Formação foi pautada pelo debate das relações complexas e intrincadas entre literatura e sociedade, tendo a experiência literária, cultural, histórica e social brasileira como chão. O objetivo era mesmo o de se desfazer, na medida do possível, da especialização fragmentada que domina a formação e o conhecimento na vida acadêmica atual. O pensamento de Candido e Schwarz, também sob esse aspecto, não deixava de ser referência, na medida em que forjaram uma compreensão de alto alcance crítico do país pelo ponto de vista da literatura. Por outro lado, a referência nacional, como ponto de partida, não se traduziu em visão estreita e provinciana das preocupações, dos temas e dos debates, já que sabíamos que as formas de produção e reprodução da nossa matéria de estudo é parte constituinte da dinâmica social globalizada do capitalismo, desde sempre. E um dos conjuntos de artigos presentes neste dossiê comprova isso, como o leitor poderá atestar.

Também deve ficar claro, nos artigos a seguir, que as afinidades do grupo com tal acumulação crítica não implicam revalidação imediata de proposições, princípios, juízos. A própria noção de *formação*, na atualização do debate a seu respeito, dadas as circunstâncias contemporâneas, se coloca menos como um emblema do que como um

problema. Os estudos e as discussões no grupo voltam-se tanto para o alcance quanto para os limites e impasses do legado que mobiliza, sempre considerado com consciência autocrítica e mediado pelo prisma de processos passados e presentes.

Por outro lado, vale assinalar que esse campo crítico é hoje alvo de forte rechaço de parte do mundo acadêmico. O *modus operandi* de seus adversários é fazer *tabula rasa* de seu pensamento. Em refutações redutoras que buscam antes invalidá-lo e deslegitimá-lo intelectual, política e academicamente do que propriamente debater os seus avanços e limites para a formação do pensamento brasileiro, tencionam, em especial, refutar a produção de Antonio Candido, numa disputa acadêmica que ultimamente ganhou sistematicidade institucional por aqui, através de simpósios e publicações que se autopromovem como contestações de uma tradição de saída classificada como “hegemônica”, “canônica”, “eurocêntrica” e “ultrapassada”, a partir de pressupostos chancelados pelas vogas teóricas do momento, que por sua vez não são postos em xeque. De certo modo, esse dossiê pretende fazer frente a tais reducionismos, apresentando uma amostra do rendimento e da atualidade do tipo de exercício crítico que consideramos mais relevante do ponto de vista estético-político.

Os artigos deste dossiê se dividem em duas grandes seções: os de estudos de temas brasileiros e os de temas alemães. O leitor observará que a uni-los corre um veio comum: a preocupação com as configurações formais da literatura e da cultura como materialidade e estágios diferentes do próprio processo capitalista. Por isso, e não para menos, o leitor ainda perceberá que, de modo direto ou indireto, um dos lados chamará o outro para esclarecer, para contrastar, um âmbito da discussão proposta. Uma capilaridade de debate intelectual e literário que não surge do nada nem gostaria de estar aí à toa.

Os trabalhos que tratam da literatura brasileira se movem por dois eixos centrais. O primeiro conjunto de reflexões busca repensar e rediscutir a historiografia e a cultura brasileiras a partir de novos ângulos formativos e materialistas. Não se trata simplesmente de repisar a força dos argumentos de Antonio Candido e Roberto Schwarz, mas repensá-los à luz de novas matérias e de novas relações para fazer a discussão avançar, até mesmo em frentes que, às vezes, não estavam no horizonte desses críticos.

É nesse sentido que Victor Lemus examina, em “Antonio Candido e os estudos sobre a formação do sistema literário mexicano: reflexões sobre um *empenho*”, a enorme produtividade crítico-historiográfica das formulações de Candido, para pensar a formação literária latino-americana, particularmente a mexicana, tendo em vista as noções de sistema literário e literatura empenhada. Já o ensaio “Haroldo de Campos leitor de Antonio Candido: alguns apontamentos”, de Diana Junkes, ilumina novos ângulos sobre a discussão que Haroldo de Campos trava com o autor de *Formação da literatura brasileira*, ao examinar as anotações feitas pelo poeta concreto à obra de Candido, trazendo “parâmetros bastante produtivos para o debate em torno das ideias de origem, formação e da própria dependência”. Também Marco Aurélio de Souza rediscute a noção de formação literária para investigar um momento crucial da vida literária no Paraná, estabelecida pelo surgimento do jornal *Nicolau*, em “A paranização do Paraná: literatura & identidade cultural no jornal *Nicolau* (1987-1996)”. Os dois textos seguintes versam sobre a obra de Roberto Schwarz. “Um certo Roberto Schwarz”, de Priscila Matsunaga, atualiza, para os dias que correm e para o campo da esquerda, a discussão cultural e política empreendida pelo crítico, lá nos anos 70, em plena ditadura militar, ao cruzar a reflexão crítica de Schwarz com o seu papel de escritor teatral. Em outro cruzamento de facetas da atividade do autor subsequente ao golpe de 1964, Adilson Mendes, em “Machados e Fuzis de Roberto Schwarz”, indica o lugar do ensaio sobre o filme de Ruy Guerra no esforço do crítico para pensar especificidades da modernização brasileira, observando argumentos e questões de método que aproximam a discussão sobre cinema dos célebres estudos machadianos do autor.

A outra série de ensaios é propriamente de análise da prosa de ficção brasileira. O traço comum que unifica o gesto crítico de todos é o interesse pelos impasses da modernização conservadora brasileira e do que dela deriva (antagonismos sociais brutais, formas diversas de violências, iniquidades de toda ordem etc.), sedimentada e compreendida em experiências formais diversas ao longo da literatura do país, que vão do romance de 30 do século XX até narrativas escritas quase ontem.

Nesse andamento, em “A cria da casa e o *Bildungsroman* proletário de Jorge Amado: notas sobre um problema na formação do romance brasileiro”, Antônio Sanseverino e Ismael Cunha Freitas analisam *Jubiabá*, em que a figura da “cria da casa”, como componente estrutural do romance, revela, através do seu percurso ao longo da

história, a permanência dos modos de socialização arcaica do país. O artigo “Os movimentos do narrador e a matéria rural: notas sobre *Vidas secas*”, de Fernando Cerisara Gil e Caroline R. Dolinski Campos, examina as oscilações da instância narrativa como próprias das relações e contradições irresolvidas do “narrador intelectual” em face da matéria rural a que busca enunciar e dar voz. Já Wilson Flores, em “Tragédia do pequeno homem: sobre ‘Ciro’, de Modesto Carone”, faz leitura minuciosa para mostrar os fios soltos, de matéria diversa, que tentam recompor a experiência familiar e individual desfeita e diluída pela história e pelo mundo social. Por fim, em “Armas para continuar o jogo: ‘Espiral’ de Geovani Martins”, João Roberto Maia investiga como o “outro” de classe, o pobre, morador da favela, visto sempre como ameaça social, incorpora em e para si tal papel, a ponto de radicalizar a visão persecutória das classes médias diante dos pobres.

Nos cinco últimos textos do dossiê, o foco recai sobre autores que, na filosofia ou na arte, integram um circuito de alta potência no pensamento alemão, da primeira metade do século XX (Ernst Bloch, Bertolt Brecht e Siegfried Kracauer) à virada para o XXI (W. G. Sebald e Alexander Kluge).

O primeiro ensaio deste bloco, de Francisco García Chicote, esclarece aspectos do pensamento de um filósofo seminal do chamado marxismo ocidental. “Mesianismo, soñar despierto y crítica de la tragedia en el joven Ernst Bloch” investiga os primeiros passos na formulação da perspectiva utópica de um autor que se fez tão influente no campo intelectual da Alemanha no entreguerras, especificando o quanto o modo como lida com categorias literárias – o cômico, o trágico – participam de seu posicionamento a propósito da tarefa política de superação da alienação. Nos artigos que se apresentam em seguida, um ponto em comum é o interesse por configurações formais singulares, que procuram dar conta de complexidades da matéria histórica. Ana Paula Pacheco e Danielle Corpas voltam-se para o momento de ascensão do nazifascismo. A primeira, em “Fascismo e natureza: imagens desconcertantes da pedagogia do Sr. Keuner”, atenta para nexos que se estabelecem entre elementos do mundo natural, capitalismo e civilização no “laboratório de formas antiburguesas” que são as *Histórias do Sr. Keuner*, demonstrando que Brecht efetua uma sondagem radical dos modos como o fascismo se firmava na consciência e no cotidiano da pequena burguesia alemã. A segunda, em “Fascismo sem uniforme em imagens de pensamento de Siegfried Kracauer”, também discute a ascensão

da extrema-direita em textos de gênero fronteiroço que flagram cenas do dia-a-dia, destacando nos *Denkbilder* de Kracauer motivos e procedimentos recorrentes, mobilizados aí para encenar o esvaziamento do debate público e o consequente fechamento do horizonte de transformação social às vésperas da tomada de poder pelos nazistas. Na outra ponta do arco temporal, Beatriz Malcher e Carlos Alberto Salim Leal ocupam-se de composições nas quais se imbricam ficção e configuração ensaística – respectivamente, o livro *Os anéis de Saturno* e o filme-ensaio *Notícias da antiguidade ideológica*. Malcher, em “Acessando um passado inacessível: a apresentação dialética da história em W.G. Sebald”, explicita estratégias (como o princípio de montagem) pelas quais Sebald renova modelos dialéticos de leitura da História, com uma perspectiva afinada com o pensamento de Walter Benjamin, capaz de escapar às simplificações propostas para a compreensão do andamento do capitalismo em voga nos anos 1990. E Carlos Leal, em “Procedimentos composicionais de Alexander Kluge em *Notícias da Antiguidade Ideológica* e seus paralelos com a tradição da Teoria Crítica”, apresenta análises minuciosas de sequências do filme para indicar suas relações com aquela tradição teórica, sobretudo no que se refere ao autoquestionamento da própria forma fílmica em face das transformações do campo do audiovisual no contexto do capitalismo tardio.

Ainda que em tempos sombrios, e por isso mesmo, esperamos que este dossiê possa trazer algum respiro (crítico) aos leitores. Boa leitura.

ⁱ **Danielle Corpas** é Professora Associada do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq, Doutora em Teoria Literária.
E-mail: daniellecorpas@letras.ufrj.br.

ⁱⁱ **Fernando Cerisara Gil** é Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná e pesquisador do CNPq.
E-mail: fcgil61@gmail.com